

O SIGNIFICADO ESPIRITUAL DA MORTE¹

Swami Ashokananda²

I

Espero que vocês não considerem a morte um assunto muito sombrio para discussão. Muitos recusam pensar na morte argumentando que é suficiente se viverem suas vidas de forma correta sem perguntar o que acontece após seu final. Acho que esta atitude de evitar o pensamento da morte é devido parcialmente ao medo e parcialmente à incompreensão e ignorância.

Não podemos compreender a vida sem conhecer o que é a morte e o que ocorre além. Como podem nosso nascimento, nossa vida e nossas ações terem significado real a menos que tiverem um valor de sobrevivência? Como podemos estar certos de que não estamos desperdiçando nosso tempo e energia, se não soubermos que os frutos de nossos esforços na terra terão um significado e validade também no outro mundo, o mundo além da morte?

Devemos admitir que a vida como a conhecemos – limitada pelo nascimento e morte – não tem nenhum significado óbvio. Simplesmente porque fazemos coisas instintivamente e achamos essas ações interessantes, não significa que o nosso modo de vida é real. Pode bem ser que estamos iludidos. Estou inclinado a pensar que a maioria de nós está, pois não é verdade que conhecemos muito pouco, que nosso conhecimento instintivo é extremamente defeituoso? Por milhares de anos percebemos a realidade de certa maneira. Agora a ciência mostra que nossas percepções e conclusões estão erradas – as coisas não são o que parecem ser. Nossa compreensão da vida pode também estar errada. Há pouca dúvida que a maioria de nós é ignorante. Se por acaso estamos na maioria não quer dizer que nossas ideias são confiáveis. Devemos penetrar profundamente na vida para compreendê-la; e um modo de aprofundar a compreensão da vida é compreender a morte.

Nos tempos atuais existe um grande interesse nos fenômenos *post-mortem*. O espiritualismo admite a existência da alma e faz um grande esforço para descobrir o que acontece com ela após a morte. Como resultado disto existem muitas estórias de existência após a morte. Diz-se que algumas almas que partiram estabelecem contato direto com seus

¹ Artigo originalmente publicado em Inglês pela revista “Vedanta for East and West”, nº 68 e reproduzido pela revista “Vedanta” do Ramakrishna Vedanta Centre, Reino Unido, em Janeiro de 2017.

² Swami Ashokananda (1893-1969) um venerado discípulo de Swami Vivekananda, foi o líder espiritual da *Vedanta Society of Northern California*, EUA, de 1932 até seu falecimento em 1969.

amados na terra; se diz que outros tentam alcançá-los através de médiuns ou comunicando-se com eles por meio de escrita automática [psicografia]. Mesmo quando tais contatos e comunicações são genuínos, a satisfação derivada destes nunca é permanente, e o benefício conseguido é duvidoso. Além disso, a chance de decepção ou engano, especialmente de autoengano, é grande.

Considere a escrita automática, por exemplo. A alegação é feita de que mesmo pessoas vivas podem inspirá-la. Eu me lembro de um caso trágico de três irmãos que se envolveram em escrita automática. Eram bem educados, o mais novo era um estudante brilhante de matemática e os outros dois eram advogados. Estes jovens compuseram muitos ensaios filosóficos que acreditavam terem sido escritos através de suas mãos por um grande filósofo que vivia aproximadamente a quinhentas milhas de sua cidade. Depois de algum tempo um dos jovens pensou ter recebido iniciação do sábio através do mesmo meio, a escrita automática. Ao final os irmãos fizeram uma viagem ao lugar onde o sábio vivia e ao chegarem pediram para vê-lo, dizendo que um deles era seu discípulo. O sábio respondeu que não os conhecia e não tinha dado iniciação a nenhum deles. Quando os irmãos afirmaram que eles tinham sido o meio através do qual ele tinha escrito um grande volume de textos, ele negou que o tinha feito e recusou qualquer responsabilidade pelos escritos. Os irmãos retornaram à sua casa desapontados e desiludidos.

Nesta palestra eu não estou interessado com o tipo de vida que as almas que partiram levam, nem mesmo com a possibilidade de sua comunicação, direta ou indireta, com os parentes deixados na terra. O significado da morte não pode ser compreendido conversando-se com os espíritos, tanto quanto não se pode ter a compreensão da vida conversando-se com pessoas comuns. Poucos podem compreender o verdadeiro significado da vida! Quantos flutuam apenas em sua superfície! Como os vivos podem não compreender o significado da vida, assim também os que partiram podem não compreender o significado da morte.

II

Várias explicações sobre a morte são dadas. Os materialistas dizem que a matéria é a única substância, a mente sendo meramente uma forma sutil de matéria. O fisiologista explica que quando o coração cessa de bater, o sangue não assimila mais o oxigênio que as células que compõem os órgãos vitais necessitam para suas funções. Estando privadas dele, a máquina da vida falha, as células morrem em massa e os órgãos começam a desintegrar. É claro, esta é uma interpretação puramente física da morte e eu não a discutirei adiante. Se isto representou o significado da morte,

também representaria o significado da vida, e não haveria obrigações morais, sentido de dever, busca do conhecimento, ou qualquer outro valor em nossa existência aqui. Deveríamos meramente passar um tempo. Mas mesmo em dizer isso, estamos assumindo um “nós” que estaria passando um tempo! Se o homem é apenas um conjunto de órgãos feito de células, ele não é um ser unitário, mas algo composto. Neste caso a discussão sobre a morte, como da vida, não é apenas sem significado, senão impossível.

Existem aqueles que não são materialistas, porém negam a existência da alma. Estou falando dos Buddhistas. Eles afirmam a continuidade da existência, não devido à imortalidade da alma, mas sim devido à persistência do karma. Eles dizem que todas as ações deixam impressões na mente e que tais impressões não morrem com a morte do corpo, mas constroem repetidas vezes, outros organismos conscientes com componentes físicos e mentais. Diz-se que este processo forma a continuidade da existência. Não é melhor então assumir a continuidade da alma do que a continuidade do karma como o elemento mais essencial no homem?

Vamos esquecer os materialistas e a visão Budhista e sustentar a afirmação de que a alma existe, que a alma é imortal e que mora dentro do corpo e da mente. A Vedanta sustenta que a alma é envolvida por três corpos: o corpo causal, o corpo sutil e o corpo físico. É a conclusão de nossos filósofos que a mente não morre com a morte do corpo físico, mas que a alma parte intacta com os dois corpos internos, o sutil (a mente inferior) e o causal (a mente superior). Portanto, as impressões feitas na mente durante a vida permanecem com a alma, e apenas o corpo físico é deixado para trás.

A morte tem duas fases: ela parece de forma diferente para os vivos e para os mortos. Quando pensamos na morte, nós, os vivos, geralmente formamos uma ideia estranha dela; pensamos em sua fase objetiva. Observamos que a pessoa morrendo perde a consciência, que é incapaz de ver, ouvir e falar com clareza normal e que respira com grande dificuldade. Algumas vezes parece sofrer terrível agonia no momento do falecimento. Todos os processos corpóreos param; a respiração interrompe e dizemos que a alma partiu, que a pessoa morreu.

Com relação à fase subjetiva da morte, ou seja, a morte como é experimentada por quem está partindo ao invés da observada pelos vivos, nos foi dito que quando uma alma não desenvolvida espiritualmente separa-se do corpo, sente todo o choque e agonia que tal separação implica, ao contrário de quando uma alma espiritualmente desenvolvida parte, onde sua passagem é fácil e suave e não é acompanhada pela agonia.

Mesmo quando alguém morre exteriormente sem consciência, está

consciente interiormente e experimenta a transição da vida para o após-vida. No momento da morte se diz que toda sua vida anterior passa diante dele como um panorama que se move rapidamente e certas tendências e características de sua vida começam a assumir predominância. Colorida e influenciada por elas, ele parte, e a natureza da partida é determinada por estas tendências e características predominantes. Se forem boas, a passagem é agradável, se não, será desagradável.

Quando a alma luta muito e sofre grande agonia devido a fato de resistir à separação do corpo e do mundo, ao falecer parece atordoada pelo golpe da morte e necessita algum tempo para se recuperar e ficar alerta. Mesmo quando a total consciência retorna, não estará imediatamente hábil para determinar seu caminho. Fica a deriva por um tempo e somente mais tarde é capaz de encontrar seu caminho para um plano de existência adequado.

Então o que você pensa, faz com que a alma resista à separação do corpo e do mundo, resultando que a morte significa agonia e luta? Suponha que eu vivi em certo lugar por quinze ou vinte anos, que adquiri incontáveis interesses lá, e que fiquei amigo de meus vizinhos. Suponha que sou forçado a deixar aquele lugar de repente – que golpe espantoso seria para mim! Sendo arrancado de tudo que conhecia e amava. Eu sofreria muito. A morte é este tipo de separação, e para aqueles que têm sido muito apegados à vida, ela é certamente dolorosa.

Enquanto nós desfrutarmos da vida, ficaremos apegados a ela. Portanto alguns filósofos dizem que é uma dádiva de Deus a doença vir aos homens em seus últimos dias, pois sem um período de sofrimento antes da morte, seu apego à vida não diminuirá. Se eu sofrer de uma longa doença, não mais desfrutarei das coisas que deram prazer na saúde. Você pode me contar sobre uma bela peça de teatro que chegou à cidade ou de um novo livro, mas eles não me interessarão. Durante uma doença prolongada, tudo perde seu sabor; ficamos desapontados com a vida terrena, e nossa mente é gradualmente preparada para retirar-se. Mesmo quando ela não se torna conscientemente pronta para fazê-lo, a dor da separação é muito menos aguda do que quando a morte chega subitamente. Portanto a morte acidental é considerada como indesejável.

Falando de uma maneira geral, existem dois tipos de pessoas; um tipo delas está preparado para a morte e o outro tipo não está. Como vimos, aqueles que se desapegaram do mundo se separam facilmente e sem sofrimento quando a hora da morte chega, enquanto que aqueles que estão apegados ao mundo morrem em agonia que persiste após a morte.

Muitos se consolam com a crença de que por mais dolorosa que a morte possa ocorrer, a felicidade eterna será deles após a morte. Acreditam que se reunirão com seus amados que partiram antes. Não

pense na morte de maneira tão sentimental. Vamos esquecer os contos de fadas que nos contaram na infância – nós adultos devemos ser capazes de pensar de maneira mais realista. Você considera desejável a possibilidade de uma eterna reunião familiar após a morte? Devemos ter amor, mas torna-se insuportável se não, ao mesmo tempo, nos sentirmos independentes. Sempre que a afeição tornar-se uma corrente, uma amarra, é insuportável. Mesmo aqui, se nossos membros familiares se juntarem em todos os momentos do dia, não acharemos intolerável? As reuniões familiares são muito boas no *Dia de Ação de Graças* e no *Natal*, mas não as suportaríamos por toda a eternidade. Existe qualquer razão para pensar que Deus arranjou as coisas para que após a morte sejamos obrigados a sofrer a eterna prisão das eternas relações familiares?

Sem dúvida muitos acreditam que nos tornaremos tão perfeitos após a morte, que a vida no outro mundo é ideal e não aborrecida. Mas qual é sua ideia de perfeição? Se você é perfeito, poderá ter todo tipo de desejo e apego? Estes são possíveis apenas na imperfeição. As relações familiares surgem da necessidade de nosso ser limitado, pois somos dependentes dos outros para a satisfação dos nossos desejos. Quando somos perfeitos e portanto completos em nós mesmos, não precisamos de pai, mãe, filho, filha, amigos, etc. Os relacionamentos então se tornam sem significado. O ser perfeito não pode ter relação; somente na imperfeição o relacionamento é possível.

Considere as implicações das crenças infantis com relação à morte e você compreenderá como são irracionais. A ideia de que após a morte continuamos a existência terrena em uma forma idealizada não tem validade. A morte, de forma rude, nos arrebatada e esta súbita partida é com certeza muito dolorosa a menos que nos preparemos para a morte ainda enquanto vivemos.

III

Você pode dizer, “Este é um ensinamento estranho. Por que deveríamos nos preparar para a morte enquanto vivemos? Não é anormal pensar na morte?” Todas as religiões tem dado grande importância à morte, e têm recomendado preparação para ela. O Hinduísmo também insiste em preparar-nos para a morte. Ensina que devemos fazê-lo desenvolvendo corretas condições mentais, pois afirma que nosso estado após a morte e nossa existência na próxima encarnação será determinado por qualquer pensamento que fixarmos no momento da partida desta vida. O pensamento que vem ao moribundo é considerado como não sendo em qualquer sentido sujeito a mudança, e sim o resultado da vida inteira a qual o indivíduo está deixando. Isto sendo assim, devemos ter grande empenho em tornar toda nossa vida uma preparação para a

morte.

Confesso que não gosto da ideia de estar à mercê seja da vida ou da morte. Não pertencemos nem a uma ou a outra. Ao invés de preparar-nos para ambas, deveríamos preparar-nos para a eternidade, que está além de ambas.

Apesar de que sem dúvida esta ideia ocorre na maioria das religiões, é certamente proeminente na Vedanta. Os Upanishads tem frequentemente declarado que aqui na terra devemos realizar o Eterno; que o que somos nesta vida, seremos na próxima vida também; que se não atingirmos nossa meta nesta vida, não o faremos na próxima. Eu prefiro tal abordagem da vida e morte. Se, contudo, estamos ainda flutuando na superfície da vida e não há possibilidade nesta encarnação de nossa realização do Eterno, provavelmente o melhor para nós é preparar-nos para a morte, para que possamos ter paz na hora da partida deste corpo e estarmos preparados para uma vida mais espiritual no próximo nascimento.

Se a vida é vivida de tal forma que verdadeiramente se está preparado para a morte, a partida não será apenas fácil, mas realmente trará a realização espiritual. Convencidos que as relações da vida mundana não têm validade além da morte, deve-se renunciar a elas, e assim tendo deixado o mundo para trás, deve-se fixar a mente no Eterno. O *Bhagavad-Gita* diz: *“Aquele que no momento da morte, meditando em Mim apenas, deixa seu corpo, alcança Meu Ser. Não há dúvida nisto.”*

De fato isto nos instrui sobre o modo ideal de morrer, mas podemos seguir a instrução? Eu tenho visto alguns partirem deste modo, elevando suas consciências a um nível superior, fixando-a em Deus e partindo em meditação. Para este tipo de partida deve haver contínua preparação, e esta preparação, este treino da mente, deveria ser praticada por todos. Deveria ser uma parte vital do plano de vida. No mínimo um período de nossa vida deveria ser dedicado inteiramente a esta cultura espiritual.

De acordo com as escrituras Hindus, a vida deveria ser dividida em quatro estágios, das quais o último deveria ser de completa renúncia. O primeiro estágio é a vida de estudante; o seguinte é aquele da vida em família ou de chefe de família e o terceiro é o da vida contemplativa, em que muitos na Índia se retiram quando atingem aproximadamente cinquenta anos. Antigamente, neste estágio de vida as pessoas renunciavam aos seus lares e iam viver como eremitas na floresta. No presente não é sempre praticável ir à floresta; portanto eles frequentemente buscam lugares sagrados, onde possam viver em retiro, devotando-se as práticas espirituais.

Em certo verão eu visitei a cidade sagrada de Puri na Baía de Bengala. Lá, na escuridão da madrugada enquanto estava começando a

amanhecer, centenas de adoradores iam ao templo de Jagannatha, o Senhor do Universo. Eu ainda me lembro vividamente da inspiração em ver suas figuras em roupas brancas brilhando na escuridão, enquanto eles esperavam calmamente para que a porta do templo se abrisse. Incontáveis eram as horas que esses devotos ficavam no templo em meditação. Mesmo em Calcutta, que é moderna e não é considerada uma cidade sagrada, muitos homens e mulheres podem ser vistos nas escuras horas do amanhecer correndo para o sagrado Ganges para banharem-se e meditem. Eu me recordo da face de uma mulher que vi uma vez retornando do rio. Ela era a própria personificação da profunda meditação – infinita calma e poder moravam em seus olhos. Não posso esquecer aquela face.

A preparação para a morte deve começar muito antes de partirmos – anos e anos de esforço deve ser devotado a isto. Quando os filhos são crescidos e nossos deveres para a família e para a comunidade terminam, normalmente esperamos passar os anos que nos restam em recreação, talvez viajando, mas este não é o modo correto de utilizar estes anos preciosos.

Por que viver na superfície da vida para sempre? Tendo terminado seus deveres, um homem deve mergulhar profundamente na contemplação. Ele deve penetrar nas profundezas da vida e encontrar seu verdadeiro significado. Deve ser capaz de ir fundo em sua alma, entrar no santo dos santos de seu ser e através disso atingir o coração do universo. Quando terminarmos com nossos deveres e responsabilidades, é certamente o momento de devotar-nos às práticas espirituais. Fazendo isso, não apenas cumprimos nossas supremas responsabilidades, mas também fazemos um grande serviço à comunidade.

Ao invés de culpar os jovens por suas vidas sem restrições, deveríamos censurar os velhos que dão um mau exemplo. Se os jovens pudessem ver ao redor deles homens e mulheres mais velhos que fossem as próprias encarnações da sinceridade, amor e pureza, eles se sentiriam inspirados por seu exemplo. Não se considere inútil na meia idade e na velhice porque você não pode brincar como os jovens. Se estes dias forem devotados a aquietar e purificar a mente, à espiritualização do pensamento e da vida, a meta superior da vida pode ser atingida e a morte não significará destruição e sim realização.

Contudo, ninguém busca a verdade e a felicidade da contemplação ou tenta aquietar a mente a menos que primeiro assimile a verdade básica de que não há nada na superfície da vida, de que a vida e a realidade como nós normalmente conhecemos estão sempre mudando e desaparecendo. Esta é uma das grandes verdades a serem aprendidas da morte. Os moribundos e os mortos imprimem esta verdade nas mentes daqueles que eles deixaram para trás, que podem se beneficiar disto se

assim quiserem.

Pense na existência em você mesmo. Considere como a alma se move do nascimento a infância, juventude, maturidade, velhice e morte. Os Hindus têm um termo para este movimento - samsara. Significa contínuo movimento, transmigração. Cada um de nós deve assimilar a verdade de samsara. Você acha que alguém deveria resistir a este contínuo movimento e mudança? Devo esperar minha juventude retornar ou ficar para sempre em minha atual condição de ser? Se eu sou inteligente, não tentarei me prender a nada. Deixarei tudo se mover, mudar, e desaparecer; apenas tentarei extrair o melhor de cada momento. O contínuo movimento, significando que a alma está passando através de muitos estágios, não cessa com a morte, mas continua até um derradeiro fim. Qual é esta destinação? Nossa experiência pessoal limitada pode nem sempre desvendar sua natureza, mas temos os conhecedores de Deus e as escrituras para iluminar-nos.

Nosso derradeiro fim é concebível apenas em termos do Absoluto, pois nada limitado e relativo pode ser permanente. Para atingir nosso destino teremos que realizar o estado de Infinitude além de todo tempo e condições, e para alcançar aquele estado devemos praticar disciplinas para romper nossas amarras ao finito. Nossa vida atual tem justificativa apenas até o ponto em que tem sucesso em rompê-las.

A causa básica da escravidão é a ignorância, a crença de que somos seres mortais limitados ao invés de Espírito livre e auto realizado. Nossa escravidão é composta dos muitos apegos que formamos, dos muitos desejos que temos por posses e gozos mundanos. Livramo-nos de nossos apegos e desejos parcialmente ao satisfazê-los e daí aprendendo o vazio que traz esta satisfação, e parcialmente pela razão e discernimento, através dos quais nos convencemos de sua irreabilidade. A compreensão gradualmente chega e se torna mais clara, até que realizamos que somos puro Espírito. É assim que resolvemos os problemas da vida. A alma continua a mover-se de encarnação a encarnação até que compreende que não necessita de mais experiência, pois tudo para ser conhecido, ela encontra dentro de si mesma.

Esta é a descrição geral da jornada da alma, uma jornada que é pontuada não apenas pelas mudanças incessantes e comparativamente pequenas em nossas vidas, mas também pela recorrente e revolucionária mudança chamada morte. Como não resistiríamos às pequenas mudanças, assim também não devemos resistir à profunda mudança da morte, pois ela é urgentemente necessária na longa jornada da alma.

Por que a morte é urgentemente necessária? Após a alma ter vivido aqui na carne por um longo tempo, a mente e o corpo se cansa das atividades e o declínio ocorre, portanto não assimilamos mais experiências e até esquecemos o que uma vez conhecemos. Neste

momento o descanso é desejado e a morte é uma sábia provisão. Não é melhor partir para um período de repouso e voltar para aprender de novas maneiras? A morte é de fato o amigo mais bem-vindo quando chega na hora apropriada.

Quando a vida é compreendida como parte de um esquema maior de existência e realização, imediatamente passa a ter de fato um propósito. Então nos tornamos conscientes de uma eterna realização rumo a qual estamos nos dirigindo. Esta meta eterna não pertence a um tempo ou espaço particular, mas sendo eterna e infinita por natureza, é sempre existente e portanto inerente em nossa vida, perceptível aqui e agora. Não a percebemos porque nosso atual modo de percepção está distorcido por nosso conhecimento parcial da realidade, por nossa identificação com a vida superficial e por nossa completa desconsideração da morte.

Se pudéssemos com mente igual dar as boas vindas aos dois aspectos da longa jornada da alma, a saber, a vida e a morte, nossa percepção se tornaria clara e a verdade seria imediatamente reconhecida. É para trazer a nossa consciência a necessidade desta equanimidade que a morte sempre segue a vida, que mesmo através da vida ela [a morte] vem disfarçada quase todos os dias. Não é a vida realmente outro nome para morte? Nosso presente é criado da extinção do nosso passado. Tudo que acontece pode acontecer apenas porque o que precedeu se foi. Assim, estamos continuamente acompanhados pela sombra da morte nas vinte e quatro horas de cada dia, apesar de que falhemos em reconhecer isto.

Ao dormir, nós realmente não entramos na morte? Cada noite a natureza nos separa do mundo da vigília, o único mundo que é real para nós. Tornamo-nos virtualmente mortos. Não vemos, não ouvimos ou percebemos algo, não estamos conscientes de nossos próximos e queridos; tornamo-nos inconscientes de todos os relacionamentos da vida terrena. Todas as noites passamos por esta experiência, mas nós simplesmente a chamamos de sono e não tentamos compreendê-lo em um sentido mais profundo.

Se estudarmos a nós mesmos, notaremos que exercitamos a maior parte de nossas faculdades mais profundas de forma inconsciente e instintiva. Fazemos muitas coisas notáveis. Temos um grande poder de auto afastamento, mas é inconsciente. Nós nos separamos desta vida, deste corpo e até da mente e realmente atingimos o Ser transcendental todos os dias, mas o fazemos inconscientemente. Se pudéssemos fazer tudo isso conscientemente, de imediato se abriria um profundo significado para nós. A morte é realmente um afastamento, uma separação da vida superficial, mas é involuntária. Quando pudermos morrer, ou seja, nos afastar e nos separar da vida, conscientemente e de forma deliberada, perceberemos a morte de forma diferente e teremos

sucesso em estimar a vida e a morte em uma única percepção – e nos libertaremos da escravidão da vida. Isto é o que significa unificar a vida com a morte. Devemos praticar esta união em tudo que fazemos. Devemos aprender a morrer de forma deliberada.

Já mencionei o que a morte significa subjetivamente, ou seja, para aquele que morre, mas estamos prontos agora para considerar isso um pouco mais. Suponha que eu morri há um minuto. O que você acha do estado de minha consciência agora? O que estou pensando e sentindo? Eu descobro que as preocupações da vida que acabei de deixar para trás não são mais válidas. O que quer que possua na vida está agora além do meu alcance e é inútil para mim. Todas as coisas relativas que me incomodavam perderam inteiramente seu significado. O mundo que eu conhecia quando dotado com um corpo e um número limitado de sentidos mudou seu caráter e outro mundo está aparecendo diante de mim. Muitas coisas que fazia enquanto vivia e achava que valiam a pena parecem sem significado agora, e descobro que desperdicei meu tempo.

Sendo estas as implicações da morte, vamos dizer a nós mesmo enquanto deliberadamente praticamos o ato de morrer enquanto vivemos: *“Devemos nos prender apenas naquilo que é imortal.”* O que é isso que sobrevive à morte? Devemos abandonar todas as relações humanas? Não, esse não é o significado do que estou dizendo. Podemos conhecer qualquer pessoa em termos de impermanência ou de permanência. Podemos nos relacionar com uma pessoa como um ser temporário ou como um ser eterno. Se nós quisermos incluir a morte em nosso esquema de vida, deveremos sabiamente nos relacionar com o eterno ao invés do temporário nesta pessoa. Reconhecemos apenas aquilo que irá sobreviver à mudança, destruição e morte. Daremos atenção não ao mutável, mas ao imutável apenas.

Aqui alguns podem dizer, *“Nós admitimos um elemento eterno em tudo e em todos, mas e sobre o infinito número de deveres que devem ser feitos? Devemos ganhar para a nossa sobrevivência, ajudar os outros, compartilhar e cumprir as responsabilidades comuns da vida, e estas não pertencem ao eterno. Como então podemos combinar vida e morte em nossa existência?”* Se justifica perguntar isso, pois nossas atividades comuns aparentemente não têm significado eterno. Mas quando até estas são feitas no espírito correto, compartilham do caráter do eterno.

Se eu preparo uma refeição para satisfazer minha própria fome ou porque gosto de guloseimas, o ato é mundano e nos prende; mas se eu as faço como uma oferenda ao Senhor que mora em mim e também no coração do homem faminto para quem eu posso oferecer, então isto tem o caráter de um sacramento. Tudo pode ser feito em um espírito de sacramento. Estou consciente de que mesmo quando nossas atividades diárias são feitas neste espírito, não são ainda absolutamente eternas, mas

estão muito próximas do eterno e por isso nos prendem muito menos.

Se um homem trabalha oito ou nove horas por dia para ganhar duzentos dólares por mês, pouco tempo ou energia restam para as práticas espirituais. Mas se ele ganha este dinheiro pensando, não em autogratificação ou gozos, mas em aprender a manifestar sua alma e ajudar a outros a construir seus destinos espirituais, e destina o que sobra a fazer caridade, então ganhar dinheiro torna-se um ato de adoração.

Para ilustrar este ponto um pouco mais, deixe-me dizer apesar de que falar a vocês de verdades espirituais é uma ação espiritual, mesmo esta se torna algo mundano se eu não mantiver ideias verdadeiras sobre vocês e sobre esta minha ação. Se eu falhar em perceber o eterno em vocês, o que quer que faça terá apenas um valor temporário, pertencerá à morte, e a morte irá reivindicá-la; ela não se mostrará eterna. Mas se eu tiver a atitude correta, esta ação não será uma obstrução para a realização da consciência eterna.

Portanto nós tentamos continuamente atingir o eterno em tudo que conhecemos e fazemos, e deste modo gradualmente nos tornamos desapegados das superficialidades da vida. Vocês compreendem o que um homem espiritual faz? Ele não apenas conquista a vida aqui, mas também conquista a morte aqui. Ele morre estando ainda neste mundo. Quero dizer que ele conscientemente e deliberadamente experimenta aqui e agora o que ocorre na morte, e que por isso transcende a morte.

Vimos que o processo da morte significa completa separação do corpo, dos apegos ao mundo exterior e das atrações da vida. Qualquer um de nós pode deliberadamente realizar esta separação agora. Se não estamos apegados a este corpo, ele morre, por assim dizer, mesmo enquanto estamos vivendo ainda nele.

Vocês podem perguntar, "*Devemos nos recusar a respirar? Devemos impedir o corpo de funcionar?*" Sim, se você puder fazer isso como um mestre, isto certamente seria uma conquista do corpo e da vida, e o corpo e a vida não iriam incomodar você mais, nem isso seria suicídio. Mas já que muitos poucos podem fazer isso como um mestre, o que eu sugiro é isto: conquiste o corpo para que ele possa cessar de clamar por qualquer coisa. Então mesmo quando tiver fome, ele não incomodará você. Contudo, a fome é menos perniciosa do que alguns dos outros desejos do corpo que prendem a pessoa à vida e conseqüentemente à morte, e que obstruem a espiritualidade completamente. Todas as obstruções, sejam pequenas ou grandes, devem ser erradicadas.

Você pode de fato vencer todas as obstruções agora, e quando a separação do corpo for alcançada – sim, amigos, gradualmente ao final chega a sentir-se distinto dele a cada momento – você saberá que é o Infinito, de que é o puro espírito, mestre da vida e da morte. Sua mente permanecerá imóvel, e apesar de que aparentemente continuando a viver

na terra, apesar de que aparentemente continuando a trabalhar, a sentir e a conhecer, mesmo assim você perceberá o grande Silêncio – o Ser e a Consciência transcendental e sem-forma subjacente em todas as atividades superficiais.

IV

Quando este desapego e separação são realizados, a morte nos revela um aspecto ainda mais profundo. Nem os que partem e nem os que são deixados para trás compreendem este aspecto, a menos que tenham incorporado a morte na vida resultando na correção da percepção distorcida. Tendo feito isso, eles estão afinal em uma posição para perceber a morte em seu aspecto mais profundo.

Nossa experiência infinita é marcada por infinitas mudanças, muitas das quais não podemos nem perceber no momento em que ocorrem. Quando um estado é seguido por outro estado, existe entre eles um período imperceptível. Qual a natureza deste intervalo? Qual é a natureza do momento indefinível que não é nem este estado ou aquele que segue? De uma longa série de intervalos, eu gostaria de descrever o intervalo particular quando esta vida cessou e a próxima vida ainda não começou. O que é este intervalo indefinível?

Digamos que eu tenha me separado da existência terrena pela morte. A vida relativa e a consciência conectada com ela desaparecem de mim. Eu não sinto mais que a cada manhã de domingo e a cada quarta-feira a noite devo aparecer sobre esta plataforma ou que eu devo dormir, comer, trabalhar, encontrar pessoas – todos estes infinitos detalhes temporais desapareceram inteiramente. É claro, se eu ainda não alcancei o Eterno, outra vida com detalhes similares jaz a minha espera. Mas o momento entre estas duas vidas – o que é?

Com frequência pensamos na morte como um longo e sono em paz, um término de toda experiência e atividade. Tais pensamentos certamente não demonstram uma profunda compreensão da morte. Ainda assim, mesmo este entendimento contém um fragmento de uma verdade que com frequência nos escapa, a verdade de que a real natureza da morte é a completa negação desta vida e de tudo pertencente a ela, que na morte nada permanece. Buddha reconheceu esta verdade. Por isso chamou a total realização como nirvana, que significa extinção e iluminação.

A sutil natureza da morte que tentamos entender como o momento entre duas mudanças ou o momento entre duas vidas, escapa completamente de uma mente desprovida de percepção sutil. Mas quando a morte é compreendida em seu modo verdadeiro, é o mesmo que a realização do Espírito puro, pois nisto, também, todas as formas são

extintas.

Você sabe quando a suprema verdade é revelada para nós? *Naquele momento único*. Nele o transcendental relampeja, mas antes que sejamos conscientes disso, outra vida parece obscurecê-la. Aquele momento de não-existência, aquele momento da morte, contém a essência da verdade. Você já notou como o ruído da conversação em uma sala repleta de pessoas pode deslizar subitamente por um momento no absoluto silêncio, que é quebrado no momento seguinte pela continuação da conversa? Aquele momento de silêncio ilustra a morte como nós estamos agora tentando compreendê-la – morte que é da natureza da Suprema Divindade. Temos um nome para Deus – *Mahakala*, a Grande Morte. Não pense que este nome é indicativo de morbidez. Ele mostra uma profunda compreensão da natureza do Divino.

A palavra *Mahakala* também significa *Grande Tempo*. Alguma vez você tentou perceber o puro tempo? Como nós conhecemos, o tempo é como um córrego, cuja superfície está tão coberta por coisas flutuantes que somos incapazes de ver o próprio córrego. Os eventos se aglomeram e escondem o tempo, e assim nunca é revelada para nós sua verdadeira natureza; mas se os eventos forem eliminados, conheceríamos o puro tempo, a pura duração. Encontraríamos então que o tempo ou duração são o mesmo que eternidade; o mesmo que morte. A morte em sua natureza essencial não é um evento; por isso é realizável a qualquer momento e é muito mais fundamental do que a vida como a conhecemos.

A vida é como uma gota de água sobre uma folha de lótus. Enquanto a folha flutua acima da superfície da água de um lago, gotas de água algumas vezes caem sobre ela, brilham e tremem com a brisa passageira, e então caem na água novamente. Se a gota de água sobre a folha de lótus é a vida, a água no lago é a morte. A vida escorrega para a morte. Caindo dentro do lago e misturando-se com suas águas não significa perda ou destruição para a gota, mas a realização e a libertação no infinito. A verdadeira morte é realmente a mais maravilhosa revelação. A paz infinita está lá, infinita felicidade e realização. Como uma mãe leva seu filho ao seu seio com profunda afeição, assim a Grande Morte nos pega em seus braços, e naquele abraço sentimos amorosa união com o Eterno.

Em Paris, um jovem veio até Swami Vivekananda e buscou tornar-se seu discípulo. O Swami disse, “*Você quer me seguir? Então você terá que abraçar a morte. Eu ensino a morte!*” O jovem ficou assustado e foi embora, mas posteriormente foi à América e contou esta estória à um de nossos Swamis, dizendo que agora ele compreendia o que Swamiji queria dizer e que o seguiria se ele estivesse aqui ainda.

Como é verdadeiro que nem a vida, ou a morte são o que pensamos que são normalmente! Para compreender a vida devemos

transcender a vida do corpo e da mente inferior e tentar perceber a realidade na consciência superior que é mais verdadeira e mais correta do que nossa, assim chamada, consciência normal. Nós que fomos deixados para trás nunca poderemos realmente conhecer a morte observando-a de fora. Se nós morrêssemos neste instante, mesmo assim não a compreenderíamos, a menos que estivéssemos preparados adequadamente. Mas se nos aprofundarmos nesta vida, então seríamos capazes de perceber um profundo significado na morte.

Deixe-me reiterar os fatos com relação à verdadeira natureza da morte. Ela nos revela a grande verdade de que a realidade não está na superfície. Em uma revelação mais íntima, a morte é vista por nós como idêntica com o Eterno, a Suprema Consciência, a Grande Morte, o Grande Tempo. Nela o tempo e a eternidade são um, nela a vida e a ausência da vida são um.

Esta é a verdade, *a única verdade*. Se quiser compreender a morte deste modo e conquistar ambas, a vida e a morte, a coisa prática a fazer é unir a morte e a vida aqui e agora. Dê espaço para a morte no esquema de sua vida, não de um modo mórbido, dormindo em caixões ou mostrando faces tristes, mas de um modo heroico, com conhecimento e compreensão. Você descobrirá que não há nada mais estimulante na vida do que a morte.

